



A MAMONA VOLTA A SER UMA OPÇÃO

Em Belmonte, agricultor inova o sistema de plantio e redescobre a mamona como opção na entressafra.

Confira na página 3.

ENTREVISTA:

ATUAÇÃO SINDICAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

O diretor sindical Orlando Barbosa fala da experiência do sindicato de Bom Jardim.

Páginas 4 e 5.

AS ABELHAS TAMBÉM FAZEM PRÓPOLIS

Veja na
Seção



Página 6.

Editorial

LUTAR PELA PRODUÇÃO

O pequeno produtor rural, integrado ao processo produtivo e econômico de cidades interioranas, é reconhecidamente um agente importante para o desenvolvimento local. Estatísticas e estudos realizados atestam que a pequena produção rural emprega e produz mais que qualquer outro tipo de estabelecimento existente no meio rural.

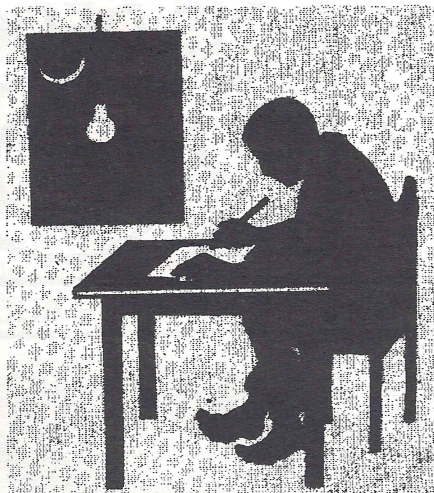
A própria FAO, órgão das Nações Unidas para alimentação, reconheceu em relatório recente que a pequena produção familiar é mais eficiente, até mesmo quando se trata da produção de culturas de exportação. A grandeza deste setor é ainda mais relevante quando se trata de países como o Brasil, que dispõe de mão-de-obra rural abundante e de uma grande demanda de alimentos de uma população urbana de baixo poder aquisitivo.

Todavia, é difícil a situação deste setor produtivo, no Brasil e particularmente no Nordeste. A falta de uma política agrícola adequada às suas condições econômicas tem progressivamente empobrecido a categoria dos pequenos produtores rurais, a mais expressiva na economia rural.

A comercialização é um aspecto da política agrícola que merece uma séria reflexão. É na relação com o mercado que a exploração econômica dos pequenos produtores se materializa. Quando eles necessitam comprar algo que não produzem ou quando vendem sua produção, acontece o pior. Os preços dos seus produtos, resultado de um trabalho duro sol a sol, são baixíssimos e, na maioria das vezes, não cobrem as despesas de produção. Por outro lado, os preços dos produtos industrializados, necessários ao consumo familiar e ao trabalho, sobem na relação inversamente proporcional aos preços dos produtos agrícolas.

Este ano, por exemplo, em muitos municípios do sertão de Pernambuco, o preço do saco de feijão ou milho equivaleu ao valor de duas ou três diárias de um trabalhador. Culturas que, durante três meses, exigiram esforço e cuidados do pequeno produtor e da sua família, na hora da comercialização remuneraram apenas um trabalhador por três dias.

Questiona-se a viabilidade da pequena produção rural, e por que não identificar e combater agentes e fatores que procuram inviabilizar a agricultura familiar? Lutar pela produção agrícola dos pequenos produtores é uma atitude política urgente.

**Cartas**

O Dois Dedos de Prosa reservou este espaço para você leitor. Mande a sua sugestão, crítica ou solicitação.

A nossa equipe terá prazer em atendê-lo.

Através desta, vimos solicitar orientações sobre técnicas usadas na agroecologia, que poderíamos desenvolver numa comunidade de assentados em nosso município. Atenciosamente.

Secretaria de Saúde
Prefeitura de Aracruz - ES

É uma satisfação saber da disposição de uma secretária municipal em trabalhar agroecologia com comunidades rurais. Enviaremos publicações sobre o assunto e sugerimos a vocês procurarem entidades agroecológicas pertencentes à mesma Rede PTA, mais próximas de Aracruz, como APTA, tel (027) 223.7232 e fax (027) 223.7232.

Participo de um grupo de jovem do Movimento de Juventude Rural Cristã e conheci o Dois Dedos de Prosa em um seminário no Rio Grande do Norte, onde tivemos a presença do agrônomo Flávio Duarte, falando sobre agrofloresta.

O DDP me interessa muito porque traz informações sobre a agricultura e eu queria ficar recebendo o jornal.

Josefa Maria da Silva
Surubim - PE

É nosso prazer atendê-la, esperamos contribuir para seu sucesso na agricultura sustentável com sistemas agroflorestais.

Venho agradecer o material enviado sobre apicultura e solicito o boletim sobre Colméia de Lata. Agradeço antecipadamente.

João Jackson de Souza
Pesqueira - PE

Estamos enviando-lhe o material solicitado. Bom proveito.

Sou bibliotecária e professora de história, e pretendo logo, logo residir no interior de São Paulo, em Nazaré Paulista, onde meu noivo cuida do nosso pequeno sítio "Recanto do Jucá". Tomei conhecimento deste fascinante informativo, com notícias e artigos sobre o campo, a lavoura, o homem rural, muito boas e educativas. Resolvi solicitar os próximos números, e se tiver que fazer assinatura do mesmo, gostaria de saber como proceder. Este jornal tem informações valiosíssimas que eu não gostaria de perdê-las. Um grande abraço a todos.

Maria Aparecida Antônio
Osasco - SP

Prezada Aparecida, você fará parte da relação de assinantes do Dois Dedos de Prosa. A partir desta edição estamos iniciando uma campanha de "assinatura anual de apoio", com as devidas explicações. Desejamos progresso na nova vida no sítio.



DOIS DEDOS DE
PROSA

EXPEDIENTE

Informativo Nº16 Agosto 1995

Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá

Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite
CEP 50.070-390 Recife-PE
Telefax (081) 221 1338

Equipe do Sabiá:

Avanildo, Flávio, Joseilton, Kurt,
Marcos e Vanderlucia;

Edição e redação:

Vanderlucia Silva (RG 1583 DRT/PE);

Diagramação e Editoração:

Giorgio Verdi;

Ilustração: Domingos Sávio;

Circulação: Marleide Irineu;

Apoio:

ICCO, SACTES e MISEREOR.

AGRICULTOR DO SERTÃO ESTÁ REDESCOBRINDO A MAMONA

Agricultor de São José de Belmonte volta a plantar mamona, só que agora ele faz um sistema diferente do tradicional, com base na agroflorestação.

Avanildo Duque

O município de São José de Belmonte, Sertão de Pernambuco, já teve uma produção agrícola bastante diversificada. Hoje, é um dos maiores produtores de feijão do Estado, além de produzir milho e caju. Para os pequenos produtores familiares, ter grande produção de feijão é mais problema do que solução, porque eles ficam muito vulneráveis durante a comercialização, na dependência de um único produto.

Diante desse problema, o sindicato de trabalhadores rurais passou a estimular a diversificação de culturas entre os seus associados. Primeiro foi com a difusão do amendoim e agora surge uma experiência com o plantio de mamona, cultura que foi importante para o município até meados de 1988.

A experiência vem da comunidade de Tamboril, onde o agricultor e diretor do sindicato, Joaquim Freire, resolveu plantar um hectare de mamona, numa área que antes era ocupada pelo feijão. Sua iniciativa teve o propósito de gerar trabalho no período de entressafra das culturas alimentares, que coincide com o período seco, quando falta trabalho para os diaristas e produtos para os agricultores comercializarem.

A novidade é que Joaquim resolveu mudar o tradicional sistema de produção desta cultura, adotando princípios da agroflorestação. Como a tradição de arar a terra é muito forte, Joaquim ainda utilizou o trator para tombar a área. A diferença começa quando ele não queimou o mato grande, deixando-o para ser incorporado ao solo. A mamona foi plantada com um espaçamento de 2 por 1 metro, em consórcio com o milho.

Como trato foi feita uma limpeza com tração animal, deixando o mato maior crescer, para uma posterior capina seletiva. Sem a queimada, o mato cresceu bastante, o que possibilitou fazer um roço seletivo, onde foi cortado principalmente carrapicho amadurecido. Esse mato cortado com roçadeira e facão, serviu como

Joahanna Uhlenbusch



Joaquim Freire cultivando mamona.

cobertura morta e adubo para a mamona e o milho. O mato verde permaneceu lá, principalmente as moitas de espécies de árvores nativas.

Joaquim observou que a rebrota das árvores nativas foi bem vigorosa e, ao invés de atrapalhar, elas ajudaram no crescimento da mamona, na medida em que as mamonas de perto dessas moitas de árvores se desenvolveram melhor e ficaram mais verdes. Das espécies presentes nessas moitas têm frejorge, canafístula, aroeira, catingueira, quipembe e vários cipós.

Embora seja o primeiro ano, Joaquim já está convencido que esta forma de plantar é melhor. No sistema tradicional, ele necessita de três limpas e neste ano Joaquim só precisou fazer duas. Planejando o próximo ciclo produtivo, a tendência é melhorar a utilização da mão-de-obra. A produção de milho vai ser satisfatória e já iniciou-se a colheita da mamona, com apenas seis meses do plantio. Já foram colhidos dois sacos e meio de mamona e será

necessário fazer quinzenalmente novas colheitas, até dezembro, quando inicia-se o novo ciclo produtivo.

Joaquim vai esperar colher toda produção, estimada em dez sacos de 60 quilos, para comercializar. Comparando os atuais preços de mercado, a mamona é bem mais vantajosa diante do feijão, que tem seu preço variando de 6 a 7 reais o saco, enquanto a mamona varia de 12 a 24 reais.

Além de fazer novas colheitas, Joaquim vai introduzir árvores que pegam por estacas, pois o período seco é próprio para este plantio. Das espécies escolhidas está o cajá, a seriguela, o umbu, o mulungu

e o tamboril. Em dezembro, no próximo ciclo, Joaquim vai podar as moitas das árvores e plantar outras culturas para o consórcio com a mamona. Há sementes que podem esperar pelas chuvas e por isso são plantadas antes, como o algodão mocó. Quando cair a primeira chuva, faz-se a poda da mamona, deixando ela bem baixa e aí ela rebrota junto com as árvores e cresce com as outras culturas consorciadas.

Em toda poda, o material deve ser pinicado, para facilitar sua decomposição e cobrir melhor o solo. Este é um cuidado importante, pois Joaquim já vê nessas áreas bons resultados, que vão além do interesse econômico. A vegetação é mais vigorosa e o solo retém mais água.

Todo este resultado positivo aproxima mais Joaquim da sua terra, numa relação de harmonia com a natureza, que percebemos no seu jeito de falar: "temos que devolver material para a terra, pois tudo que ela produz, ela tem que comer de novo".

DOIS DEDOS DE PROSA



Orlando coordena treinamentos em Bom Jardim.

Ampliando a reflexão sobre esse tema, o Dois Dedos de Prosa apresenta, nesta edição, uma breve entrevista com Orlando Pereira Barbosa, 38 anos, agricultor e dirigente sindical engajado no trabalho de recuperação do solo e da produção agrícola junto aos agricultores de Bom Jardim, município distante 110 km do Recife, que tem a maioria (70%) da sua população na zona rural, onde 95% são pequenos produtores rurais.

“A problemática da agricultura familiar em Bom Jardim é da máxima importância, sobretudo, por duas razões fundamentais: a falta de terra e, sendo essa terra pouca, usada constantemente, vem o segundo problema, a terra é fraca e degradada”. Assim, Orlando Barbosa inicia sua defesa da pequena produção rural, também referida como agricultura familiar. Na verdade, o grande desejo de Orlando é ver o seu sindicato completamente engajado no trabalho de recuperação do solo e da produção junto à maioria dos trabalhadores rurais: os pequenos produtores.

Preocupado com o processo de descapitalização dos agricultores, consequência também da degradação da terra, Orlando afirma que “a ação mais direta do sindicato é exatamente junto aos 95% dos agricultores de Bom Jardim, que são os pequenos

produtores rurais. A maioria deles não participa do sindicato por dois motivos: o primeiro é por não conseguir tirar uma renda que garanta sua contribuição sindical em dia; o segundo é porque o sindicato ainda não tem uma ação permanente e sistemática junto ao pequeno produtor”.

Um jeito novo de fazer agricultura

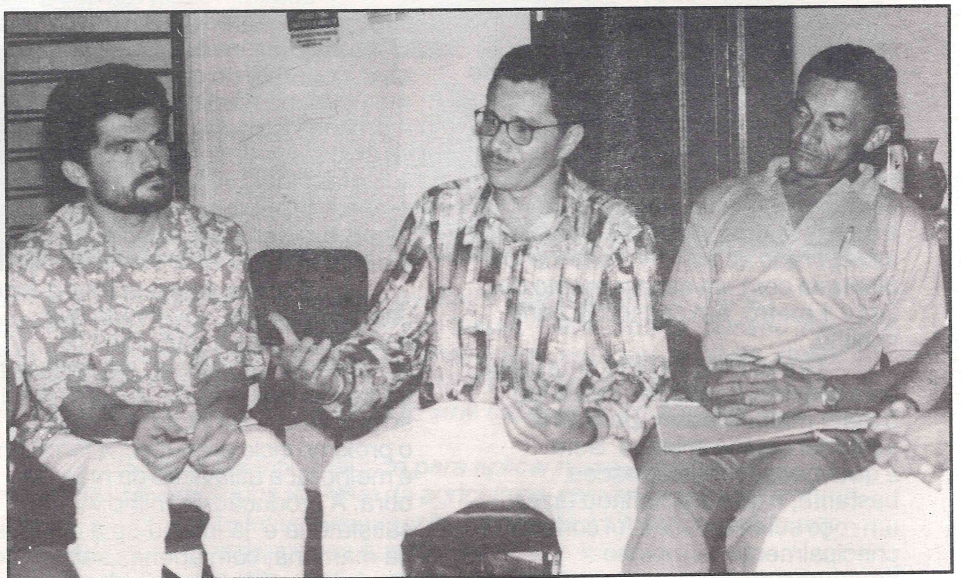
“Atualmente, somos poucas pessoas no sindicato atuando nesse trabalho de recuperação do solo e da produção agrícola, junto aos pequenos produtores, desenvolvendo uma agricultura familiar sustentável, diferente do jeito tradicional de plantar, porque experimentamos sistemas

DESENVOLVER AGRICULTURA UM NOVO DESAFIO

Na comemoração do seu segundo aniversário, o Dois Dedos de Prosa apresenta uma entrevista com Orlando Pereira Barbosa, agricultor e presidente do Centro Sabiá, apresentando a experiência do movimento de agricultura familiar, reunindo agricultores e produtores rurais em um novo desafio para o movimento de agricultura familiar: um novo desafio para o movimento de agricultura familiar e presidente do Centro Sabiá, apresentando a experiência do movimento de agricultura familiar, reunindo agricultores e produtores rurais em um novo desafio para o movimento de agricultura familiar.

agrofloretais”. Nesta afirmação, Orlando Pereira faz referência ao trabalho com agricultura sustentável realizado com o sindicato de Bom Jardim, desenvolvido em três níveis: as experiências de agroecologia nas comunidades; as campanhas de sensibilização da população contra as queimadas e por mais produção; e o trabalho da Comissão de Agricultura do sindicato que representa comunidades e difunde as experiências.

Acreditando que é necessário apoiar e mobilizar os agricultores na luta do dia-a-dia pela sobrevivência, pela produção, Orlando é um diretor sindical de engajamento pioneiro nesse trabalho. “Nesse pouco espaço de tempo em que estamos trabalhando (dois anos), estamos chegando a conclusão de que a agricultura familiar não terá solução se nós não mudarmos a maneira de plantar para um jeito de trabalhar em harmonia com a



Orlando (ao centro), no debate, apresenta a experiência do Sindicato de Bom Jardim.

AGRICULTURA FAMILIAR SUSTENTÁVEL: CAMINHO PARA O MOVIMENTO SINDICAL.

no aniversário, em junho passado, o Centro Sabiá realizou dois debates sobre agricultura, técnicos, pesquisadores e parlamentares. Para expor sobre "Agricultura familiar sustentável", esteve presente Orlando Barbosa, diretor sindical de Bom Jardim, mostrando sua experiência e suas idéias de trabalho com os pequenos produtores rurais do seu município.

Marcos Figueiredo



Acompanhando a Comissão de Agricultura, Orlando mostra experiências agroflorestais em Paquevira.

natureza, procurando, inclusive, repor à natureza a sua vitalidade, agredida pelo homem. É um caminho único, porque estamos conseguindo aumentar a produção e com isso recuperar o solo nesses pequenos pedaços de terra, que são as propriedades rurais dos pequenos produtores".

Melhorando a organização dos agricultores

"Esse trabalho pode se expandir no município, e é por isso que é preciso um maior empenho do sindicato de trabalhadores rurais de Bom Jardim. A sua diretoria tem que tomar esse trabalho como uma prioridade. Começando a melhorar a vida do agricultor, ele também vai valorizar mais a organização da sua categoria na sua entidade de classe. Ele vai compreender melhor a luta do sindicato e vai contribuir mais com essa luta. É um processo de melhoria econômica, que reflete na participação política".

- Na nossa experiência com

a Comissão de Agricultura, já estamos vendo esse trabalho de organização. A Comissão atualmente tem 20 membros, representando 12 comunidades: Camará, Pindobinha, Umari, Feijão, Sítio Altos, Riacho de Tanque, Icó, Sipoás, Paquevira, Bomba de Dois Rios, Pedra Fina e Aroeiras. A perspectiva até o final deste ano é de se ampliar a Comissão para 20 comunidades representadas, entre as 96 do município. Comunidades maiores têm mais de um representante para possibilitar o repasse das experiências e dos conhecimentos em sistemas agroflorestais, explica Orlando.

O trabalho da Comissão de Agricultura

Para entendermos melhor a difusão desse novo jeito de fazer agricultura, Orlando fala um pouco sobre a Comissão de Agricultura: "Ela vem desempenhando um papel fundamental na formação dos agricultores, experimentando

novas técnicas e princípios de plantio, até introduzirem completamente sistemas agroflorestais, abandonando progressivamente formas tradicionais de agricultura que têm empobrecido a terra e a produção agrícola. Nesse processo de difusão de experiências, os membros da Comissão de Agricultura são difusores nas suas comunidades e, hoje, já temos comunidades com grupo de produtores trabalhando a recuperação do solo e melhoramento da produção. Atualmente, podemos afirmar que já há 100 famílias envolvidas no processo de experimentação de técnicas de recuperação do solo e de aumento da produção. Nossa meta é chegar a atingir as 5.000 famílias de pequenos produtores de Bom Jardim.

A participação do Sindicato

Ao ser perguntado sobre qual seria a contribuição do sindicato nesse trabalho, Orlando Barbosa expõe sua opinião: "Com esse trabalho, a Comissão de Agricultura está se tornando uma parte da organização sindical atuante, compensando a ausência da diretoria do sindicato junto aos pequenos produtores, que está restrita completamente à burocracia das aposentadorias".

"O sindicato precisa ter como preocupação a sustentação da propriedade familiar, pois a base do sindicato em Bom Jardim são os pequenos produtores que praticam a agricultura familiar, e é esta agricultura que deve ser viabilizada. Portanto, queremos que os diretores do STR se empenhe nesse trabalho. Para a diretoria contribuir, ela precisa conhecer e compreender as experiências de recuperação do solo e da produção. A partir daí, passar a dar apoio, colocando na sua programação atividades como treinamentos em agricultura sustentável, apoiando financeiramente, apoiando com a estrutura do sindicato, por exemplo", finaliza Orlando.

CAMPANHA CONTRA A QUEIMADA E POR MAIS PRODUÇÃO

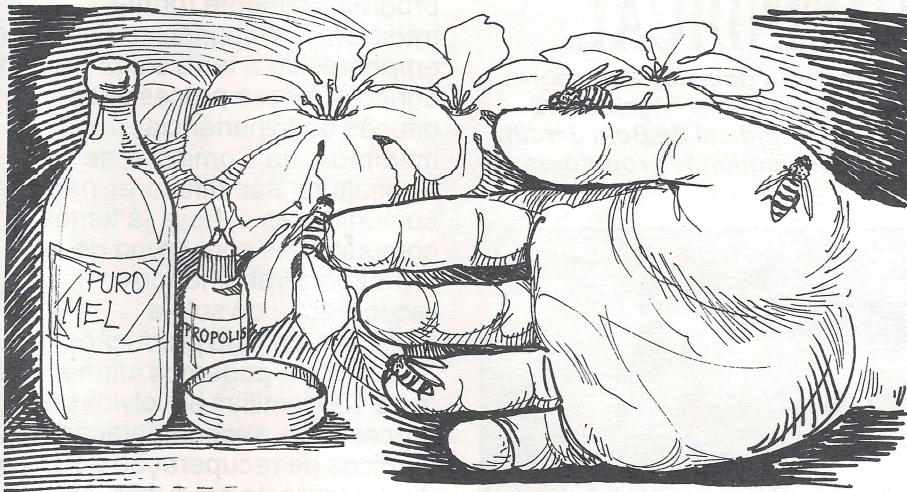
ATO PÚBLICO DE LANÇAMENTO - 11 DE OUTUBRO - SINDICATO DE BOM JARDIM

DOIS DEDOS DE PROSA



PRÓPOLIS

Joseilton



Hoje em dia, quando se fala de apicultura, logo se pensa no mel, produto natural produzido pelas abelhas a partir do néctar das flores e bastante utilizado pela população como remédio e adoçante. Muita gente acredita que as abelhas só produzem o mel, desconhecendo completamente os outros produtos elaborados por esse engenhoso e pequenino animal dentro da sua colméia.

A abelha também produz o pólen, conhecido popularmente como "samburá"; a geléia real; a cera e a própolis; sem falar na polinização, tarefa executada pelas abelhas quando elas coletam o pólen das plantas, proporcionando o cruzamento de espécies vegetais e o conseqüente crescimento da diversidade e quantidade de plantas no ecossistema.

Atualmente, os apicultores mais experientes estão dedicando grande parte do seu trabalho à produção, beneficiamento e comercialização da própolis, devido ao seu alto valor comercial, chegando a render até quatro vezes mais que a produção de mel.

A própolis é um produto elaborado a partir das resinas que as abelhas colhem das plantas, sendo usada na colméia para várias finalidades como, por exemplo, vedar orifícios ou frestas da colméia, esterilizar os alvéolos onde a rainha põe os ovos, colar os quadros na colméia, embalsamar animais ou insetos que, porventura, venham a morrer dentro da colméia.

Como medicamento, são várias as suas aplicações, desde problemas de

pele - como eczemas, coceiras, frieiras - a outros males, a exemplo da gastrite, dor de garganta, giárdia, colesterol, bronquite, asma, etc.

Para usá-la em tratamentos

medicinais, existe duas formas: a pomada e o extrato de própolis, também conhecido como propolina.

Componentes

Para a confecção do extrato de própolis é necessário 90 gramas de própolis bruta e um litro de álcool cereal.

O álcool cereal é despejado num recipiente escuro e, logo em seguida, a própolis, completamente picotada em pequenos pedaços, é colocada dentro do álcool. Esse recipiente deve ficar bem tampado e ser agitado três vezes ao dia, durante duas semanas.

Passado esse prazo, a própolis precisa ser coada em papel filtro, estando então pronta para o consumo. Ela pode ser utilizada misturada ao leite, ao chá, na água ou até mesmo ingerida pura, tendo sempre como base a recomendação da dose correta para cada caso.

ESTÁGIO EM AGROFLORESTAÇÃO



Um grupo de agricultores de Bom Jardim (Lúcia e Zezito) e Triunfo (Neguim), acompanhado pelo técnico do Sabiá, Flávio Duarte, passou três semanas na propriedade agrícola de Ernst Gotch, em Pirai do Norte, Bahia. A finalidade dessa temporada foi conviver e trabalhar sistemas agroflorestais junto a Ernst, realizando uma espécie de estágio em agroflorestação.

O grupo retornou bastante animado para aplicar no seu roçado os conhecimentos adquiridos lá. Além da agricultura, eles aprenderam também culinária natural e alternativa (veja receita na pág. 8). Este é o segundo ano que agricultores de Pernambuco fazem este tipo de estágio.

Em julho do próximo ano, será a vez de uma nova equipe de agricultores e técnicos.

SISTEMA AGROFLORESTAL : PRÁTICA ANTIGA NO NORDESTE.

Jair Fernandes - colaborador

O tema Sistema Agroflorestal, também conhecido pela sigla SAF, a primeira vista, pode parecer algo diferente e novo. Na forma como têm sido desenvolvidos, os sistemas agroflorestais-SAF's têm os mesmos princípios da "agroecologia", termo já bastante conhecido dos leitores do Dois Dedos de Prosa.

A nossa intenção aqui é apresentar o ponto de vista de um grupo de técnicos que estiveram reunidos em Petrolina, no Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido - Cpatsa/Embrapa, no ano passado. Apesar de ter passado um ano, é interessante conhecer um pouco dessas idéias, que continuam atuais.

No encontro, ficou claro que a questão da agrossilvicultura na nossa região ainda se encontra na sua puberdade (passagem progressiva da infância à adolescência, quando a criança quer ser gente grande). Vários são dos esforços de instituições, técnicos e produtores na busca da implementação dos sistemas integrados tendo a árvore como âncora, centrando o sistema na árvore. Nisto reside nosso conceito de sistemas agroflorestais.

O uso desses sistemas, que combinam culturas agrícolas e pecuária com espécies florestais, é prática comum em diversas regiões do Nordeste, desde décadas passadas. Nas regiões das mais úmidas, o agricultor cultiva um sistema complexo envolvendo espécies frutíferas, hortaliças e pequenos animais. Na região cacauera da Bahia, quando não se cultiva o cacau em mata brocada, o plantio é realizado sob o dossel (conjunto das copas) de bananeiras, eritrinas e outras espécies arbórea. Sistemas existentes em áreas de litoral e mais chuvosas nos dão conta da associação do caju, côco, babaçu, carnaúba e dendê, dentre outras.

Na região semi-árida, mesmo com problemas de escassez de chuva, os agricultores manejam



sistemas de produção envolvendo animais, culturas agrícolas e a própria vegetação da caatinga.

Dentro dos sistemas agroflorestais, o subsistema silvopastoril é um dos mais comuns na região, com diversas variações ou subsistemas. O plantio de espécies arbóreas de valor forrageiro, formando pastos arbóreos, teve maior impulso com o uso da algaroba, como espécie forrageira na região.

A prática de adoção de sistemas envolvendo espécies florestais de múltipla utilidade varia entre microrregiões, em função de tecnologias compatíveis com a realidade local e das facilidades de sementes ofertadas. Além da algaroba, a leucena e a gliricídia são

espécies que vem crescendo o cultivo na região, sendo empregadas em variados sistemas de produção.

Na situação atual, podemos dizer que o conceito de Sistemas Agroflorestais ainda não foi amplamente difundido, contudo, o emprego de tais sistemas não é novidade na Região Nordeste, pois muitos agricultores vem combinando produtos agrícolas, florestais e também animais numa mesma área de terra, embora essas associações de culturas sejam feitas empiricamente, de acordo com suas experiências práticas e suas necessidades.

No tocante ao desenvolvimento dos SAF's pelo ensino, pesquisa e extensão, verifica-se uma desarticulação intersectorial.

O retorno às origens tem revelado ao homem novos caminhos e práticas que a muito andam esquecidas e que estão se revelando como tábua de salvação da agricultura.

Ficamos por aqui, desejando sucesso na busca de uma agricultura sustentável e ecologicamente equilibrada.

Jair Fernandes é Engenheiro Florestal

ASSINE LOGO o seu "Dois Dedos de Prosa"

Participe da Campanha de Assinatura Anual. Dê o seu apoio fazendo sua assinatura. Envie este cupom para o Centro Sabiá, Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite. CEP 50070-390 - Recife PE.

CUPOM DE ASSINATURA

Desejo fazer uma assinatura anual do Informativo **Dois Dedos de Prosa**.

Para isto estou enviando:

- Cheque Nominal ou • Vale Postal
- em favor do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá
- Assinatura Normal: 10 Reais • Assinatura p/ agricultor ou estudante: 5 Reais

Nome: _____

Endereço: _____

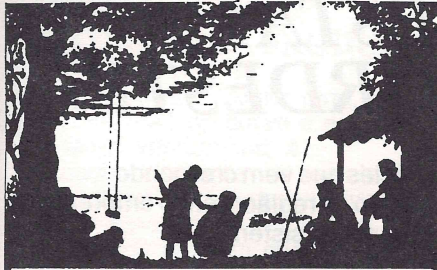
Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Profissão: _____ Tel: _____

Nasc.: _____ Data da Inscrição: _____

DOIS DEDOS DE PROSA



Versos e prosas

Mulungu



O popular mulungu, que na língua tupi significa pandeiro, é uma planta espinhenta de altura variada entre 6 a 12 metros, com um tronco rugoso castanho, e porte elegante com suas flores vermelhas ou amarelas.

O mulungu floresce do final de agosto até dezembro, enquanto seus frutos amadurecem entre janeiro e fevereiro. Ele produz grande quantidade de semente viável.

A madeira do mulungu é rija, leve e macia, muito usada na fabricação de jangadas, brinquedos e tamancos. Como árvore, é bastante ornamental graças a beleza dos seus ramos e flores, sendo empregada na arborização de ruas, jardins e avenidas. Serve bem para cerca viva pela facilidade com que pegam suas estacas no próprio local. É uma árvore também usada no sombreamento de cacauzeiros. Suas flores atraem pássaros que consomem seu néctar.

O mulungu está presente desde o Ceará até Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. É planta típica de várzeas úmidas e de margens de rios na caatinga do Nordeste brasileiro.

Taioba ao Forno

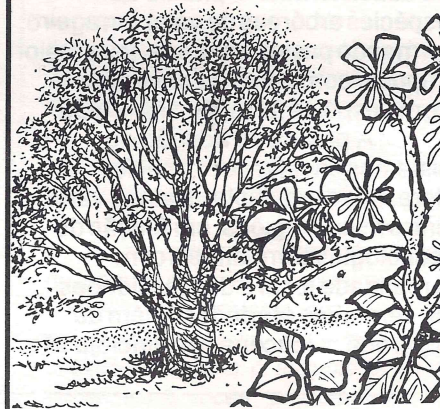
Receita de Renate Gotsch

Ingredientes:

18 folhas de taioba;
3 ou 4 ovos;
sal e pimenta do reino;
250g de arroz cozido;
300g de queijo de coalho.

Pegue uma porção de 18 folhas de taioba, corte e escale. Quebre 3 ou 4 ovos e mexa-os ligeiramente. Coloque sal, pimenta do reino e misture tudo com a taioba. Numa forma untada, coloque a mistura de taioba, depois acrescente uma camada de arroz cozido e outra camada de queijo de coalho cortado em fatias. Leve ao forno por 30 minutos, aproximadamente.

JOVENS FLORESTAS

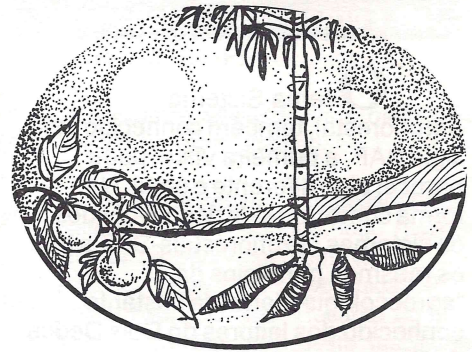


Francisco Gogó
(Maranhão)

AGROFLORESTA, TRABALHO
PORÉM, ESPERANÇA
DA VIDA VERDE
NOVA RELAÇÃO
HOMEMNATUREZA.
TERRA MÃE
MULHER, DEUSA
DA FERTILIDADE
COMCARINHO
CULTIVA A NOVA VIDA
RAINHA DA ESPERANÇA
CRIANÇA - MENINA,
ADOLESCENTE - JOVEM
MULHER - MÃE
TIA - VÓ
INÍCIO, MEIO
E MUITO MAIS
JAMAIS FIM
AQUI TEM VIDA.

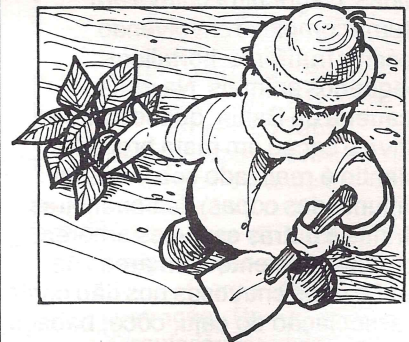
Plantando com a luz da lua

Flávio Duarte



A luz da lua, mesmo sendo menor do que a do sol, exerce uma influência no trabalho das plantas. Plantando nas fases de maior luminosidade da lua (quando ela cresce), a planta receberá maior quantidade de luz no início da sua germinação e crescimento, favorecendo um maior desenvolvimento da sua parte aérea, suas folhas e flores. É nesse momento que se deve plantar vegetais de ciclo anual que produzem frutos acima da terra. Quando a planta é semeada no quarto minguante, ela passa os primeiros quinze dias sob uma pequena luminosidade lunar, o que favorece ao desenvolvimento das suas raízes. É uma boa fase para produção de raízes e tubérculos como o inhame, a macaxeira, a batata doce, a cenoura, etc. Acompanhe o calendário lunar e depois nos conte sua experiência na agricultura em relação às fases da lua.

DITADO POPULAR



"Quem planta e cria
tem muita alegria"